

ALVES

Seu Alves
Sapateiro

Coloridor de histórias: o homem que fez do mural de recados sua arte - mesmo sem saber

(*Risos. Muitos risos*) Entre vistas, entre olhares, entre universos e entre complexidades. É entre risos – e com a melhor risada que tem – que ele abre as portas, cortinas e janelas de suas muitas histórias para uma equipe que, contagiada, não se contém e ri com ele. Tem uma daquelas risadas de que não se esquece. Sonora, imponente, mas, acima de tudo, gostosa. Num ponto tal que fica difícil não rir junto.

Tem gente que é assim: não se emociona só, leva muitos consigo. Honorato Alves Pereira é, sem dúvida, aos 85 anos, uma dessas pessoas. As marcas que o rosto moreno carrega sob o chapéu denunciam um caso de amor – contagiante – com a vida, desses de deixar qualquer espectador atento querendo saber as cenas dos próximos capítulos. Marcas que vieram com a idade, marcas que são também do sol, algumas até apresentam os muitos riscos que decidiu correr para sobreviver. Mas é nos dois lados da boca que estão as mais fortes delas. Formando duas profundas fendas verticais arredondadas, ele exhibe marcas de quem aprendeu, com a vida, a rir da vida.

O chapéu que usa é bastante gasto, a camisa de botão – que traz o sobrenome dele, adotado como nome, bordado no bolso da frente – também, mas uma característica naquele homem parece se refazer a cada segundo e ser, a cada instante, mais nova: a capacidade de botar fé.

Não falo aqui sobre ter fé, uma vez que quem tem algo pode fazer o que quiser do próprio bem. Falo de botar fé como uma necessidade. Como se a fé que se tem já não devesse mais ficar só consigo, como se não houvesse mais essa opção. É com muita fé e muita vontade que o coloridor de histórias fala de cada uma das vezes em que teve de se reinventar pra continuar a viver – e, por vezes, até a sobreviver. É inevitável ver trans-

bordar dali um mar de crença. Crença tecida e costurada pela fé na vida, pela fé no outro, pela fé em Deus.

Tudo isso se observa em um lugar que, segundo ele, ninguém nunca verá igual. A casa é realmente de encher os olhos – e os corações dos mais sensíveis. As paredes são completamente coloridas à mão pelo sapaiteiro e trazem em si os quadros com as matérias que já foram publicadas a respeito dele e algumas fotos espalhadas, tudo isso junto com vários objetos (inusitados!) pendurados no teto. A porta, aberta no início, permanece durante toda a entrevista assim, como quem diz que não, *Seu Alves* não fecha as portas de si mesmo para ninguém.

Encantando a uns e outros com o que ele mesmo chama de *lera*, segue apresentando-nos uma vida quase fictícia, se não fosse tão real. Continua a falar lembrando que um dia teve fome, passa pelas aventuras malucas da juventude e chega, então, à parte mais difícil de acreditar, para alguns: se considera completamente feliz.

Não é difícil de acreditar. Só um homem muito feliz pode colorir, com tanta maestria, a vida por onde passa. Há muita vida entre as linhas do discurso de um homem simples que não se considera nada mais que “uma pessoa normal”, fazendo oposição ao título de artista que lhe foi atribuído.

É como o homem comum que se enxerga, e com o seu jeito simples de falar, que *seu Alves* vai provando, resposta a resposta, que há, sim, a entrevista possível, a experiência possível, a simplicidade possível e, sobretudo, a felicidade possível. Com toda a beleza que há naquilo que é real, ele nos mostra: é “no ponto do possível” que o encanto acontece. É esse homem, que trabalha com possibilidades, e vive delas, que prova – mesmo sem querer – que pra ser poeta basta ser gente.

Equipe de Produção:
Ana Beatriz Farias
Larissa Wenya

Entrevistadores:
Ana Beatriz Farias
Camila Soares
Felipe Aufran
Giulianne Batista
Igor Cavalcante
Larissa Wenya
Leticia Alves
Lucas Barbosa
Messias Borges

Texto de abertura:
Ana Beatriz Farias

Fotografia:
Nathanael Filgueiras



Entrevista com sapateiro Alves, dia 16 de abril de 2015.

Larissa – *Seu Alves*, o senhor começou pintando no muro primeiramente seu nome e o telefone para contato como forma de divulgação do seu trabalho como sapateiro. Depois o senhor começou a pintar outras coisas: escrever mensagens, desenhar. Eu quero saber o que serviu e o que ainda serve de inspiração para o senhor escrever essas mensagens.

Alves – É fácil! A resposta é fácil, tá no meio de nós tudinho aqui. O que faz isso é porque uma pessoa simpatiza com a outra, e às vezes (*essa outra*) nem sabe, como vocês – que eu sei, de coração, que vocês têm simpatia por mim.

Ó, a primeira coisa que aconteceu no muro foi no dia do Natal. Lembrei que no Natal a gente dá presente, recebe, eu botei: “Feliz Natal para todos os clientes e amigos do bairro” e aquele negócio todo. Foi legal, foi crescendo e foi passando, a história é comprida, mas eu vou encurtar o máximo.

Eu botei também no Dia dos Namorados: “Helena, eu te amo. Um beijo, minha fia!” Eu não sabia nem quem era, botei na doida. (*ri*). E a *negada*: “É tua namorada?” “Sei lá”. (*rindo*). Botei na doida, tá entendendo? As coisas iam puxando outras.

E (*tenham*) mensagens para as pessoas. Aquilo cresceu mais porque veio uma moça, ela namorou um cara na França, aí ela disse: “*Seu Alves*, vou trazer meu namorado aqui porque ele viu (*as pinturas*) na televisão e achou muito interessante suas frases”. “Não, nunca andei lá não”. Ela foi e conversou com ele (*com o namorado*) e ele disse: “Não, eu vi ele na televisão”. (*ri*). Eu disse: “*Arriégua*, eu nunca andei na televisão... (*ri*) Na França?!”

Comecei a escrever mensagens pra pessoas de coração bom, como a dona Yolanda (*Queiroz. Presidente do Grupo Edson Queiroz, um dos maiores conglomerados empresariais do Brasil*). Foi crescendo, pouco mais chegou na boca dos repórteres, e era gente de todo jeito perguntando por mim.

Beatriz – E por que o senhor escolheu o muro?

Alves – É porque não tinha outro lugar para escrever. Ali no muro eu botei o meu horário de trabalho, o horário que eu chegava, que eu saía, dia de sábado eu só trabalhava até meio-dia.

Felipe – Tem muita gente que chega para fazer um trabalho com o senhor, depois que começou a pintar o muro?

Alves – É, realmente. Eu estou com 30 anos trabalhando ali (*na oficina localizada na Avenida Engenheiro Santana Júnior, no bairro Papicu*). Comecei com 12 anos e eu tenho 85 (*anos*), quantos anos faz que eu trabalho de sapateiro? Faz as contas aí, na caneta. (*são 73 anos*). Faz muito tempo, né? Ave Maria! Eu, como sou profissional no calçado, me garanto em todo serviço que for preciso. De calçado, né?! A pessoa chega e diz pra mim que eu sou do bom, tem confiança no meu serviço. Eu faço mais bem feito quando a pessoa diz assim.

Camila – *Seu Alves*, resolveram fazer uma exposição no Estoril (*espaço cultural localizado na Praia de Iracema, do dia 13 de março ao dia 30 de abril de 2015*) com as suas pinturas, como o senhor enxerga isso?

Alves – Um rapaz chegou aqui com uma moça, Diego e Bárbara (*Diego Pontes e Bárbara Cariry, curadores da exposição*), e disse: “*Seu Alves*, a gente queria fazer uma apresentação das suas palavras”. Contou uma história tão bonita que eu não sei nem contar. Achei bonitas as palavras deles, né? Eles me elogiando. Ó, vou dizer uma coisa pra você, que é um rapaz bem parecido (*fala para Messias*), chega uma loira: “Rapaz, tu é tão bonito!” Tu fica todo enxerido, né? (*ri e todos também*). Oh *putaria*! Ela (*Bárbara*) disse: “É que você faz tudo tão bom e bonito”, aí a pessoa toma gosto né?

Messias – *Seu Alves*, o senhor se considera um artista?

Alves – Não! Considero uma pessoa normal, como outra qualquer. Às vezes a pessoa pergunta isso... Eu sou uma pessoa normal, só que eu sou uma pessoa alegre, gosto de dizer *umas lera* (*refere-se à palavra léria, que significa fala astuciosa, lábia, segundo o dicionário*) e tudo.

Letícia – Quando a gente se conheceu ali perto da sua banquinha, o senhor se apresentou pra mim como o “amigo do pobre, conhecido do rico”. Hoje a gente pode dizer que o senhor é conhecido tanto do rico quanto do pobre, de todo mundo. Como é pro senhor ter essa fama?

Alves – Eu não me considero tão famoso

O sapateiro Alves (amigo do pobre, conhecido do rico) ganhou fama através das pinturas que fazia no muro ao lado da oficina, na Avenida Engenheiro Santana Júnior. Eram mensagens, desenhos, ditados populares dispostos de maneira peculiar e se estendiam à calçada.

Diversas matérias jornalísticas descrevem *seu Alves* como um homem alegre e de sorriso farto. Ainda no primeiro contato, por telefone, a equipe de produção pôde sentir isso. Ele mostrou-se bastante empolgado com a entrevista, mesmo já tendo concedido várias.

Achar o número para contato dele foi relativamente fácil. Bastou pesquisar na internet por fotos dos painéis pintados por ele no muro. Entre dizeres e símbolos, o número aparecia várias vezes, logo após "sapateiro Alves".

assim. Eu acho bacana. Eu, uma pessoa com 85 anos com uma amizade dessa, *ruma* de rapaz tudo bonito, tudo novo, perto de mim, dando valor a mim, essa é a minha alegria. Melhor do que dinheiro, pra mim. Só em vocês virem na minha casa, conhecerem a minha casa e contarem pra alguém, pra mim é uma felicidade, uma riqueza.

Lucas – O senhor nunca pensou em capitalizar essa arte que o senhor faz, tanto os escritos como as obras?

Alves – Não. Eu não tenho interesse nisso, não. Pra mim é uma coisa comum. Tem gente que, às vezes, a pessoa dá uma fama a ele e, às vezes, perde até a fama porque se exhibe demais, quer ser muito gostosão, sem ser e no fim dá em nada. Você vê que tem artista que é uma fama doida, pouco (*depois*) desce, né? (*fala enquanto mostra o dedo polegar para baixo*)

Larissa – A sua casa é toda pintada, mas essa sua vontade de colorir a parede e o chão, além do muro, partiu da casa para o muro da rua ou a partir do muro o senhor resolveu fazer em casa?

Alves – Não, toda casa minha é pintada desse jeito porque o pintor sou eu mesmo. A pintura que eu quero fazer na minha casa é diferenciada de todas as pinturas. Vocês nunca entraram numa casa assim. As minhas casas toda vida foram pintadas do meu jeito. O muro eu pintei agora há pouco tempo, tipo aqueles letreiros. Aquelles letreiros chamam atenção das pessoas.

Tem um *estudantezim* do jeito dessa moça aqui (*refere-se a Giulianne*), ou mais novo e tal, e a mãe dele fez um serviço comigo e eu notei o jeito dele todo grosseiro com a mãe dele e botei na parede: "Quer ser feliz, ame pai e mãe". Quando foi com uns cinco dias, lá vem ela, alegre, satisfeita: "Oh *Seu Alves*, aquela palavra que o senhor botou ali chamou a atenção do meu filho". "O que foi que houve?" Eu pensei que tivesse sido coisa ruim. "Ele chegou em casa, ele nunca me abraçava, me beijava e mudou tanto, eu perguntei: 'O que foi que houve, meu filho?' 'Não mãe, é porque o *Seu Alves* me dominou". *Ixe*, que diabo é isso? (*risos da turma*).

Beatriz – Como o senhor se sente vendo que as suas palavras, as suas pinturas, mudam assim a vida das pessoas?

Alves – Eu me sinto feliz. Chegar em casa e a tua mãe dizer assim: "Mulher, eu te adoro", te abraça, tu fica feliz, né?

Igor – Em vários desenhos do senhor tem índio, não é? (*refere-se às carinhas que acompanham os dizeres de Seu Alves*). Por quê?

Alves – Porque na minha família tem ín-

dio também, a minha avó era índia. Andava era nua, a *pobe véia*. Andava só com aquele negócio de pena de passaros, que matam, tipo uma sainha (*tanga*).

Lucas – *Seu Alves*, o senhor chegou a comentar da sua casa... Quería que o senhor falasse da decoração, das cores, das carinhas, das figuras infláveis...

Alves – Uma coisa dessa é determinada por Deus. As figuras, essas coisas que eu faço é pra mostrar pra vocês que a tristeza não compensa, compensa é a alegria. Aqui na minha casa é alegre, é bonito, né? As cores... Essas cores que eu vejo, azul, branco e vermelho, a *negada* pensa que eu sou Fortaleza. Eu não torço Fortaleza, eu gosto do Fortaleza. Eu gosto do time, gosto do Ceará, gosto de qualquer time. Não torço nenhum time pra tá dizendo: "Oh, não sei o que, perdeu!" Não, não tem não. Eu acho bonito as cores e eu faço. Vocês nunca vão ver uma casa igual a minha. Vocês nunca vão. Só se vocês vierem de novo pra vir olhar aqui.

Larissa – *Seu Alves*, o senhor já foi muito procurado pela imprensa e o senhor gosta de ajudá-la, falou isso várias vezes pra gente. Mas em algum momento essa grande procura o assustou?

Alves – Não. Nenhuma. Já que você falou uma coisa muito bacana, dei valor, tá escrito lá na minha exposição: "Quem tem rabo de palha, não chega perto do fogo". Eu, pelo menos, pode falar de mim, pode dizer o que quiser, mas eu não tenho rabo de palha, pode falar o que quiser, entendeu? As minhas entrevistas é tudo... A dona Yolanda Queiroz, que é baronesa, manda me entrevistar, o filho dela manda me entrevistar, todas as televisões aqui de Fortaleza, mandam me entrevistar. Por quê? Porque eu não tenho rabo de palha.

Camila – O senhor falou novamente na dona Yolanda Queiroz, como foi esse contato? De onde vocês se conhecem?

Alves – Rapaz, ali foi desde os (*meus*) 14 anos. Eu agradeço a Deus e ao marido dela (*Edson Queiroz*) que me deixou trabalhar lá no abrigo, com 14 anos. (*refere-se ao Abrigo Central, centro comercial na Praça do Ferreira, construído pelo empresário em 1949*). Quando (*cheguei*) lá no trabalho, aí eu pedi a ele: "Oh, doutor, deixa eu trabalhar com o senhor?" "O que é que você faz?" "Sou engraxate". "Sabe engraxar mesmo?" "Sei". "Pois engraxe aqui o meu sapato". Eu: "Pá, pá, pá...". Ele (*Edson Queiroz*) olhou assim e disse: "Você tá classificado na minha cadeira".

E eu trabalhava assim, por exemplo, o rapaz aqui era dono da cadeira (*de engraxate*), quando ele saísse, era que eu ia ganhar

A entrevista foi realizada na casa dele, no bairro Vicente Pinzón, região leste de Fortaleza. A casa destaca-se entre as outras na rua estreita: paredes, móveis e até o piso foram pintados por ele em azul, vermelho e branco.



O local escolhido para a entrevista foi a sala. Além das distintas pinturas e entrevistas impressas, coladas nas paredes por ele, o teto do cômodo é tomado por objetos suspensos, dos mais variados tipos: águia de plástico, violão de brinquedo, etc.

dinheiro, mas Deus me ajudava e o pessoal vinha tudo engraxar comigo, ó! Parece que era assim mandado por Deus mesmo.

Messias – O que o senhor aprendeu com o ofício de sapateiro?

Alves – Eu aprendi engraxar, aprendi costurar, aprendi colar, aprendi solar, botar o salto, remendo interno e remendo nos saltos. Cada sapato tem um trabalho diferente, é por isso que não tem sapateiro profissional, tem sapateiro que trabalha de sapateiro, mas profissional tem não. É sempre mudando, você vê que elas (*refere-se às entrevistadoras presentes*) estão com esse modelo de sapato, daqui uns tempos muda também, os (*sapatos dos*) homens também. Então, o sapateiro é uma coisa que não tem fim.

Igor – Seu Alves, o senhor já apareceu em muitos programas de TV e deu entrevistas em jornais. Tem alguma coisa que o senhor nunca falou? Alguma coisa que você gostaria de falar e nunca alguém perguntou?

Alves – Só que quando eu tinha oito anos que eu andava nu. (*todos riem*). Putaria! (*rindo*) Eu andava nu e eu fui pedir esmola lá na rua. Eu pedia mais as mulheres. Quando eu via uma mulher rica: “Dona Bichinha, me dê uma esmola pelo amor de Deus pra minha mãe comer”. Ela olhou assim eu nu, e disse assim: “Quem é esse curuminzim?” O homem disse na bodega: “(É filho) da dona

Maria Viúva”. Quando ele falou Maria Viúva: “Ah, esse é um pobre coitado”. Aí me levou pra loja, quando chego lá, ela me mediu da minha cabeça até os pés: “Corte aqui”. Eu fui pra casa, ela deu as coisas pra minha mãe, minha mãe mandou fazer a roupa.

Naquele tempo, no interior, a gente ia pro banheiro, dizia assim: “Pra onde tu vai?” “Vou no mato”. Eu fui pro mato, quando eu cheguei lá – eu não era acostumado a andar vestido –, tirei a roupa, trepei assim e fui embora pra casa nu, ó. (*ri*) Quando eu cheguei (*rindo*)... Quando eu cheguei em casa, minha mãe: “Quêde tua roupa, corno?” Eu não sabia nem o que era corno. (*todos riem*) Aí eu voltei pra pegar a roupa, mas ainda levei umas porradinhas (*todos riem*).

Giulianne – Desde que o senhor veio para Fortaleza, com 12 anos, o senhor morou em vários lugares, vários bairros. Qual o mais marcante para o senhor? O espaço de Fortaleza que ficou na sua memória.

Alves – Rapaz, o mais marcante que ficou pra mim foi no *Coqueirim*, lá perto da Igreja de São Gerardo. Eu ia de pés daqui (*pro Centro*) da cidade, eu andava com a caixinha, eu ia engraxar e ia de pés pra lá. Foi o lugar que eu sofri mais. Passei fome, dormi no molhado, fui assaltado, tomaram meu dinheiro. Naquele tempo tinha um tal de 29, era o soldado que ia morrer na guerra, aí eles me pegaram, eu tinha 15 mil réis. *Ixe*, Maria, não dá certo não, até hoje ainda dói

No dia marcado, a produção ficou aflita com a pequena possibilidade de não haver a entrevista. Horas antes do combinado, Alves estava em Pacatuba, Região Metropolitana de Fortaleza, fazendo um serviço para o filho, que também é sapateiro.

A equipe comunicou-se com *seu* Alves por telefone e a turma decidiu seguir mesmo assim para a oficina dele. Enquanto passávamos por lá, Bia e Larissa o avistaram na parada de ônibus. Agora, era tentar alcançá-lo em tempo.



“Quem tem rabo de palha não chega perto do fogo. (...) pode dizer o que quiser, mas eu não tenho rabo de palha, pode falar o que quiser, entendeu?”

Depois de estacionarmos perto da parada em que foi avistado e de Bia e Larissa correrem alguns (longos) metros, conseguimos chegar a tempo. *Seu* Alves estava esperando o ônibus para deixar uma encomenda na oficina do filho.

no meu coração. Fiquei liso, sem nenhum tostão. Como a pessoa que recebeu o dinheiro e perdeu tudo, *né?* Aconteceu isso lá no Pici (*bairro de Fortaleza*). No tempo que eu morava ali, nesse lugar, era areia, agora eu não sei nem onde é mais, chama Amadeu Furtado.

Giulianne – Foi o primeiro lugar que o senhor morou aqui em Fortaleza?

Alves – Foi, o primeiro lugar que eu morei. O primeiro lugar que eu fiquei mesmo foi no Centro da cidade, mas ali não é morar porque eu paguei, *né?!* Pagando pra dormir. Agora morar mesmo foi no Coqueirim.

Beatriz – E depois do Coqueirinho já veio aqui para o Papicu?

Alves – Não, não. Eu trabalhei em frente à polícia ali, no Centro da cidade. Estudava lá no Pio XII ou era Pio X, detrás da (*igreja*) Coração de Jesus (*em verdade, Pio X*). Aí eu andava com o caderno assim – dá licença aqui – (*pega o bloco de anotações da Larissa*) e a caixa de engraxate. Naquele tempo quem sabia ler eram aqueles rapazes que trabalhavam em loja, *né?* Eu pegava assim e dizia – eu ainda *tava* no bê-a-bá: “Ei, tu sabe ler?” “Sei”. “Pois me ensina aqui”. “Tu já sabe alguma coisa? Pois diz aí”. Eu dizia: “A, b, c, d...”, aí eu errava quando chegava naquele *ips* (*refere-se à letra Y*), não tem o *ips*? (*rî*) Aquele vê *dáblío* (*refere-se à letra W*), *né?* Naquele eu não sabia o que era, mas as outras (*letras*) todinhas eu conhecia. Ele dizia: “Tu já sabe soletrar?” As duas primeiras eu sabia, um ‘bê com a’, b-a, ba, um ‘bê com e’, b-e, bé.

Beatriz – O senhor disse que lá no Coqueirinho foi uma das suas piores experiências. E dos outros lugares que o senhor passou, qual foi a experiência que o senhor destaca positivamente?

Alves – Rapaz, foi quando eu ganhei no jogo de bicho. Eu fiquei alegre, comprei roupa, comprei material. Parece que foi 60 mil réis, dinheiro como um todo. Rapaz, eu fiquei rico, *ixe* Maria! Comprei sapato, comprei tudo, aí fui pro cinema, ó! Só entrava no cinema se estivesse bem vestido, teve uma coisa que eu não comprei... Ah, sim, o paletó, só entrava de paletó. O cara disse: “Não, tem nada não, tu vai, entra com o meu paletó, pede o guarda pra me entregar, o guarda vai me entrega, aí eu entro”. “E quando for passar pra lá?” “Tem problema não”. A pessoa entrava de paletó, mas quando chegava lá dentro tirava pra ficar na cadeira. Ele era bem grandão, do tamanho desse rapaz aqui (*compara ao Messias*), e eu pivete, ainda não sou muito grande, o paletó vinha bem aqui (*mostra com as mãos abaixo do joelho*). (*a turma rî*) Quando fui

entrar, uma mulher bem bonita, assim, do jeito dessa morena aí (*compara à Giulianne*), disse: "Quem é esse pinto calçudo?" Eu não sabia o que ela estava dizendo comigo. Pinto calçudo, *ó!* (*ri*) Oh *negada* pra gostar de mangar dos outros! Eu nem levei a mal.

Igor – Hoje em dia, o senhor se considera feliz?

Alves – É, me considero feliz.

Igor – O senhor imaginava que no futuro, depois que se aposentasse, teria uma vida tranquila?

Alves – Não, rapaz. Eu pensava que ia pedir esmola, eu não vou mentir. Porque a pobreza era muito grande, muito filho, muita dificuldade. Mas, graças a Deus, dei a volta por cima e deu tudo certo. Não estou aperreado de nada, nem precisando assim... *Tá* entendendo? Precisando, porque todo mundo precisa. Mas não vivo reclamando: "Ah, porque o sol não brilha pra mim", nada disso. *Tô* satisfeito com a minha vida, graças a Deus!

Lucas – E como o senhor observa essas aventuras do senhor na juventude? Como, hoje, com 85 anos, vê esses impulsos? Eu lendo a pré-entrevista fiquei com a impressão de que o senhor era muito impulsivo na juventude, estou certo?

Alves – É mais ou menos isso. Mas criança é assim mesmo. E principalmente criado sem pai, cara, fiquei sem pai com cinco anos de idade, trabalhando.

Giulianne – O senhor não tem saudade das aventuras?

Alves – Não, tenho não. Só tenho saudade de uma coisa que foi e não volta mais, da minha mãe. Só isso.

Letícia – Falando das suas aventuras, a gente ficou sabendo que o senhor se meteu num navio pra ir pro Rio de Janeiro e foi expulso várias vezes.

Alves – (*interrompendo*) Foi. (*ri*)

Letícia – Como foi essa história?

Alves – Rapaz, sei lá, foi Deus quem me ajudou. Oh sofrimento! Eu *doidim* pra viajar, que aqui não dava nada, perturbado. E quando a pessoa é pobre que não tem família, não tem lugar pra dormir, pagando pra comer, pra dormir, tudo é pago, roupa pra lavar, é complicado. Quem tiver sua casa, seu pai, sua mãe, agradeça a Deus, quando

você forem dormir e peça felicidade pra todos eles. Porque eu fui criado sem pai, mãe pobre, ganhei o mundo com 12 anos, saí no meio do mundo atrás de aventura, peguei um dinheiro, ganhei e mandei pro cara, dono de caminhão, entregar à minha mãe 60 mil réis. Até hoje, ainda não entregou o dinheiro. Era muito dinheiro! Eu juntei o dinheiro, aí todas as pessoas que iam engraxar o sapato comigo, eu dizia assim: "Você ajuda em casa? Aquele dinheiro ali é pra minha mãe". Eu botava assim: aqui é pro meu almoço, aqui é da minha mãe.

Se eu perdi algum dinheiro em jogo, essas coisas, não me doeu tanto como essa, porque ela *tava* precisando. Eu sabia que lá em casa estavam passando necessidade e ele não entregou, (*ele*) rico como um todo.

Messias – O senhor chegou a ir ao Rio de Janeiro pedir emprego para o Getúlio Vargas (*presidente da República nos períodos 1930-1945 e 1951-1954*). Como foi essa história?

Alves – Eu cheguei lá (*com*) uma roupa *fuleragem*, roupa *réa* de gente pobre, aí eu digo: "Rapaz, onde é o (*Palácio do*) Catete aqui?" Mandaram eu ir numa rua, rua *réa* comprida. "Quando você chegar lá na frente, pergunta". Quando cheguei lá, tinha uns soldados com um fuzilão assim. "Rapaz, eu queria falar com o Getúlio". Eu fui entrando, ele (*um guarda*) me pegou assim pelo braço: "Não, pode entrar assim não". "Não, mas eu quero falar com o homem (*Getúlio Vargas*)". "O que você quer com o homem?" "Eu quero pedir um emprego". "Não, tenha calma". Era um homem (*refere-se ao guarda*) bem parrudo, da altura de um boi. "Você é de onde?" "Eu sou do Ceará". "Quantos anos você tem?" Eu acho que eu já tinha 17 ou era 18, não *tô* lembrado, mas *tava* bem pertinho (*de completar*), faltavam poucos dias. Ele disse assim: "Quando você completar 18, você vem".

Completei, eu fui lá. Ele disse assim: "Ó, já tenho um emprego pra você". Eu digo: "E não dá pra falar com o homem?" (*ri*) Né, já que era o Presidente da República, ia pedir um trocadinho a ele (*ri*). "Não, pode falar com ele não". Eu trabalhei no Aeroporto Santos Dummont, eu fui moço de campo (*sinalizador em pista de pouso*). É um tra-

Antes de seguirmos para a casa dele, passamos na oficina do filho Carlos, que fica nas proximidades, para que ele pudesse entregar uma sacola com alguns sapatos dentro. Com os contratempos, a entrevista começou com uma hora de atraso.

Nessa ida à sapataria do filho, conhecemos pessoalmente o Carlos, que a Bia tinha entrevistado por telefone na etapa de pré-produção. Ao ser perguntado por ela: "Lembra de mim?", ele respondeu: "Sim, eu reconheci a voz".

"Só em vocês virem na minha casa, conhecerem a minha casa e contarem pra alguém, pra mim é uma felicidade, uma riqueza".

Seu Alves gosta de tocar pandeiro. Ele contou à equipe de produção que em quase todos os cantos o instrumento o acompanha. Antes de iniciarmos a entrevista, Seu Alves buscou o pandeiro e ficou tocando para "animar a turma".

"Eu posso ficar podre de rico, mas o meu jeito é esse mesmo. É simples, não tem esse negócio de orgulho, pra mim é tudo normal".

balho invocado. Quando chegava o avião, ele me botava lá no final da pista pra eu fazer assim com a bandeira vermelha (*sinaliza acenando com os braços*), eu ficava balançando a bandeira. Eu dormia lá no aeroporto. Quando foi um dia, chegou um homem: "Quem é o Alves do Ceará aqui?" "Sou eu". "Ó, você agora vai passar pra outro emprego" "O que é?" "Você vai ser chefe..." , não sei de quê, pra entregar as malas. Eu fui e toda mala que eu entregava, eu dizia assim: "A senhora olhe logo se não tá faltando alguma coisa". E as mulheres davam gorjeta. Aí o cara me cortou porque eu ficava com o dinheiro... (ri) Eu ficava com as notas e ele só no cheiro, ele me cortou.

Messias – Isso foi durante quanto tempo, Seu Alves?

Alves – Um ano e tanto. Foi bacana! Quando eu peguei o dinheiro, eu lá queria saber mais de nada, homem. Eu vim embora.

Beatriz – Seu Alves, conta pra a gente direitinho como foi, desde que o senhor pegou o navio tentando ir pro Rio, houve várias paradas, não foi?

Alves – É, em Recife eu desci, fui descoberto, não teve jeito. Procurei logo um restaurante, pedi um homem pra lavar os pratos pra ele me dar um prato de comida. Ele notou logo que eu não era de lá. Quando foi um dia, eu tava lá no cais, eu vi um navio. "Sete horas parte, Rio de Janeiro". Vixe Maria, e agora? E o homem já tava legal comigo. Eu disse: "Ei, não dá pra você me arrumar uns trocadinhos pra eu ir pro cinema?" O homem me arrumou, eu peguei o navio e me mandei de novo. (ri) Quando foi umas horas, tem um negócio de vigia, olhar quem tem passagem, quem não tem. Um marinheiro disse assim: "Vista a minha roupa, que você não vai pra fora". Marinheiro tem a cabeça pelada, né? E eu era meio cabeludo. Um homem disse assim: "Tu é um falso marinheiro, mas eu vou deixar tu pra lá". Foi Deus quem ajudou (rindo).

Descontraindo, seu Alves pergunta para a turma: "A repórter mais bonita que tem aqui, eu posso dizer? Vocês não ficam com raiva? É essa doidinha aqui" (*aponta para Larissa*). A turma ri e ele cai na gargalhada.

Beatriz – E o senhor conseguiu chegar dessa vez?

Alves – Não. Chegou na Bahia eu desci. Botaram eu pra fora de novo, porque eu era um falso marinheiro. Eu fiquei com medo de ele me jogar dentro d'água, porque a *negada* disse que jogavam (*todos riem*). Nesse dia, meu coração ficou deste *tamaim* (*aperta a mão direita em punho cerrado*). (*Na Bahia*), estava sem sorte mesmo, fui lá pra Baixa do Sapateiro (*região localizada no centro histórico de Salvador*), tinha umas coisas assim, de gente rica, etc. "Eu como não sou rico, vou procurar gente pobre". Tinha um forró de gente pobre, a *negada* com pandeiro. Um cara olhou pra mim e disse assim: "Tu é de onde?" "Sou do Ceará". "Bate pandeiro?" "Tenho muito prática não". "Pois pega aí". Peguei no pandeiro por ali. "Canta um sambinha pra nós". Eu sabia um samba da Bahia: "*Baiana que entra no samba não fica parada, não canta, não samba, não bole nem nada. Baiana é aquela que entra no samba de qualquer maneira, dá nó nas cadeiras e deixa a moçada com água na boca*" (*canta para a turma. O samba é de 1957, composto por Geraldo Pereira*). É, hey, meu senhor, o pau torou! (ri) As mulheres deram o maior valor a mim, eu novo, né?. A vida da gente é assim, cheia de nó pelas costas.

Messias – Seu Alves, o seu pandeiro sempre lhe acompanhou...

Alves – (*interrompendo*) É, me acompanhou.

Messias – O que ele representa para o senhor?

Alves – Pra mim representa alegria. Só isso. Quem tem alegria não tem tristeza, não sofre de pressão alta, sei nem o que diabo é. (*todos riem*).

Camila – Nessas diversas viagens que o senhor fez de navio, o senhor viajava porque tinha vontade de conhecer ou viajava pra tentar uma vida melhor?

Alves – Tentar uma vida melhor, porque aqui era muito complicado. Principalmente a pessoa da minha cor. Era discriminada, sabe? Não tinha valor nenhum. Só se soubesse ler muito e ainda tivesse um padrinho. E eu pobre, só andava sujo. Pagava pra lavar roupa, pagava pra comer, pagava pra dormir, tudo era pago, era complicado. Criança, rapazinho novo, sem condições, só engraxando. Engraxate hoje em dia é uma profissão de valor.

Igor – De todos os lugares que o senhor já visitou, tem algum que o senhor gostaria de ir, se pudesse novamente?

Alves – Tem. O Rio de Janeiro. Porque é um lugar diferente de todos os cantos que eu andei no Brasil. Eu conheço dez estados

do Brasil, mas o Rio de Janeiro me chamou atenção. Porque o Rio de Janeiro tem o preto, tem o branco, tem de todo jeito, tem preconceito com negócio de *lera* não. Lá tudo é igual. O carioca eu dou *mó valor*, a carioca também, não desfaz do *nego*, não *manga*. E nós aqui já temos um negócio de *mangar* dos outros, eu sou um (*toda a turma ri*).

Messias – Então nos outros lugares o senhor sofreu algum tipo de preconceito?

Alves – Sim. Você não leve a mal, quem for de lá, fique calado. Precisa nem dizer que é de lá. Foi em São Paulo.

Messias – Mas o senhor pode contar alguma história? Como foi?

Alves – Eu trabalhando lá numa firma de gente rica, fábrica de garrafa. Fui comer num lugar lá, eu cheio da nota, o rapaz disse que não despachava não. “Por quê?” Porque eu *tava sujo*. *Arriégua!* “Eu tô é trabalhando, meu irmão”. Foi só isso que achei invocado.

Felipe – Então o senhor gostava tanto do Rio, por que resolveu sair de lá?

Alves – Rapaz, eu saí por causa da minha família que morava aqui e eu vim visitar, aí eu gastei o dinheiro e não pude mais voltar. Uma história complicada e rapidamente resolvida.

Letícia – Logo que o senhor chegou aqui, o senhor decidiu botar sua barrquinha ou não? Como foi?

Alves – Não. Quando eu cheguei do Rio (*de Janeiro*), eu trabalhei no J. Macêdo (*empresa cearense que atua no mercado de moagem de trigo*), foi o tempo que eu me casei, veio minha família. Eu fui mudando. Eu tinha vontade de voltar para o Rio, mas casado não dava, e eu solteiro aqui, acolá passava embaixo (*significa passar necessidade*), quanto mais com família. Quando eu me casei eu já estava com 32 anos, minha mãe disse: “Meu filho, você procure um canto que você fique tranquilo”. Eu botei um comércio, que dava pra mulher ficar no comércio e eu trabalhava de padeiro, mas trabalhava vendendo o pão, não era padeiro de fabricar. Fui levando a vida, quando nasceu a primeira filha, a Francinete, eu disse pra mulher: “Já que nós *tamo* lascado um com o outro, agora nós vamos ver se vence a nossa vida, ganhando honestamente, sem chamar atenção da sociedade”. Tem gente que, quando melhora de vida, muda de tonalidade, mas a minha continua do mesmo jeito. Eu posso ficar podre de rico, mas o meu jeito é esse mesmo. É simples, não tem esse negócio de orgulho, pra mim é tudo normal.

Letícia – Mas como foi que o senhor decidiu colocar sua barrquinha ali no bairro



do Papicu?

Alves – Foi a necessidade de trabalho. Eu trabalhava de carpinteiro, saí do emprego, porque eu fui operado de duas hérnias. Como eu não podia trabalhar, eu não vou pedir esmola que não dá, só pedi quando era criança, agora não peço mais não. Eu sou profissional, trabalhava de carpinteiro, sapateiro, pedreiro, pintor, eletricitista, um bocado de coisa, vou arrumar alguma coisa sentado, eu digo: “Sapateiro!” Botei uma caixa de sapato em frente ao Romcy (*loja de departamentos em Fortaleza. Existiu até 1993*), agora é o Bom Preço (*supermercado*). Antes de eu trabalhar lá, eu já tinha

“A pessoa quando é nova, pensa que no outro dia dá certo, que no outro dia dá certo, e é esperando, esperando (...) a pessoa sofre e, às vezes, dissimula o sofrimento”.

Honorato Alves Pereira nasceu em 28/02/1930, em Tauá. Filho da dona de casa Maria Alves Pereira e do agricultor Francisco Alves Teixeira, ele tem quatro irmãs. A família mudou-se para Frecheirinha quando Alves tinha apenas dois anos de idade.

Criou-se lá até os dez anos de idade, depois foi trabalhar em Sobral, ainda criança. Aos 12 anos veio para Fortaleza e aprendeu a engraxar sapato. Ficou na Capital até os 18 anos de idade, sem conseguir manter contato com a mãe e as irmãs.

Alves aprendeu a engraxar sapato com um menino de 15 anos de idade chamado Gerardo Engraxate. A convite dele, Alves veio para a Capital com 12 anos. Os dois meninos chegaram a dormir em pensões; quando não havia dinheiro, a rua era a moradia.



“As figuras, essas coisas que eu faço é pra mostrar pra vocês que a tristeza não compensa, compensa é a alegria”.

trabalhado de carpinteiro fazendo o Romcy. Eu disse pra ele (*refere-se a Antônio Romcy, um dos proprietários da Romcy S/A*): “Seu Antôim, eu trabalhei para o senhor, mas agora eu tô operado, não posso trabalhar mais carregando peso, vou trabalhar de sapateiro”. Ele disse: “Ó, você fica aqui, mas eu vou trazer uns sapatos pra você limpar, se você fizer o serviço bonito, bem feito, você fica”. Ele trouxe um bocado de sapato, eu limpei tudo, o sapato branco, naquele tempo, o material era bom, eu fazia bem feito. Ele olhou: “Rapaz, você é um profissional, eu assino embaixo para você”. Pronto, fiquei ali. Quando ele vendeu, o dono que comprou me expulsou. Ele foi e mandou os soldados: “Rapaz, não dá certo não. Só um não me tira daqui”. Eu pensei que ia ficar por isso mesmo. Quando foi no outro dia, vieram três homens. *Os bichão* tudo parrudo. “Seu Alves, o senhor quer sair na amizade ou na ignorân-

cia?” Que nada! Peguei meus panos de bunda e me mandei. (*risada de todos*)

Larissa – O senhor saiu de Frecheirinha (*município localizado a 285 km de Fortaleza*) pra ir trabalhar em Sobral (*a 232 km da Capital, aproximadamente*), ainda criança, e com 12 anos, também criança, veio para Fortaleza. Talvez o senhor não imaginava o que iria passar por aqui: fome, dormir na rua.

Alves – Não...

Larissa – No seu entendimento, como criança, o que o senhor pensava quando passava por essas situações?

Alves – A pessoa quando é nova, pensa que no outro dia dá certo, que no outro dia dá certo, e é esperando, esperando, e vai passando o tempo, a pessoa sofre e, às vezes, dissimula o sofrimento. Porque não tem outro jeito.

Larissa – Mas a situação de pobreza que o senhor vivenciou aqui não era tão diferen-

Os dois engraxavam os sapatos dos soldados americanos na Base Aérea de Fortaleza. Depois de um tempo, perderam o contato. “Muita gente o chamava pra ser intérprete. Ele aprendeu tudo com os americanos, com a convivência, mas não sabia escrever o inglês”.

te do interior, né?

Alves – (interrompendo) Não.

Larissa – O senhor não pensou em voltar alguma vez?

Alves – Não dava pra voltar não. Eu não tinha dinheiro pra pagar. A passagem, naquele tempo, era 10 mil réis. Se eu pra mandar o dinheiro pra minha mãe, trabalhei não sei quantos anos e o cara ainda nem entregou... *Nera* assim fácil não, pra ir pra lá pro interior, pra acolá de Sobral, eu ia pagar uns 15 mil réis. Era muito dinheiro e eu não tinha. Difícil.

Igor – O que o senhor acha que poderia ter acontecido caso não tivesse viajado, saído de casa pra tentar?

Alves – Eu tinha era morrido de fome. Aqui em Fortaleza era muito ruim pra criança sem família. Se chegasse perto das pessoas nas lojas: “Saia daqui!” Não diziam isso comigo porque eu chegava com minha caixinha, sentava ali, o cliente chegava, botava o pé e eu engraxava.

Leticia – E em todas essas viagens que o senhor fez, sem família, o senhor não se sentiu só? Não sentiu saudade?

Alves – Tu é doido! Tinha noite que eu passava a noite todinha chorando, chega eu molhava a blusa, de arrependido. Arrependimento foi demais, foi um arrependimento grande. Lá no Rio de Janeiro, um frio maior do mundo com aquela roupa daqui, chega os beijo rachou tudinho.

Messias – O senhor sempre foi muito disciplinado e muito trabalhador, exerceu várias profissões, o que o senhor conquistou com o trabalho?

Alves – Rapaz, a profissão que eu mais gostei, de todas elas, foi de sapateiro. Eu botei aquela oficina ali e chamou muita atenção. Se eu não tivesse trabalhado ali, eu não tinha arrumado essa amizade todinha, além de vocês (conta quantos somos, incluindo o

fotógrafo e o professor), 11 pessoas admirando minhas palavras, tendo confiança no que eu digo, pra mim eu tô no céu.

Camila – E nessas andanças do senhor pelo Brasil, eu vejo nas suas obras palavras falando de amor, falando “eu e ela”, alguma coisa assim. Nas suas viagens, o senhor conheceu alguma mulher especial?

Alves – Conheci, conheci. Era bonita, loira, só o mi, doidinha por mim, mas eu não gostava muito dela porque era muito bonita e a negada dizia: “Rapaz, né pra tu não. Tu é empregado dela”. E eu tinha vergonha. (todos riem).

Camila – Como era o nome dela?

Alves – É o nome mais bonito que tinha, na minha vida, era Helena, com h e o meu nome também é com h. (todos dizem: Ah, agora está explicado!) É Helena, oh meu Deus!

Camila – E nessa história toda, o senhor teve alguma mulher que o senhor amou mais?

Alves – Na minha história, só ela mesmo. Porque ela adivinhava as coisas. Quando eu não tava afim, ela: “Não, deixe pra lá que eu vou dar um jeito”. E dava jeito.

Igor – Foi aqui?

Alves – Não, foi no Rio de Janeiro. Foi onde eu sofri, mas depois teve essa felicidade de encontrar essa doidinha.

Leticia – E por que acabou?

Alves – É porque eu vim embora, enganei a pobe véa. (todos riem)

Felipe – Seu Alves, nesse tempo que o senhor esteve no Rio não tinha muito como ter contato com a família aqui. Foi uma surpresa quando você chegou de repente?

Alves – Foi surpresa. Cheguei de uma vez. Minha mãe chorou, minha irmã chorou, eu chorei também. Sabe como é aquela emoção, né? Dá aquele calafrio no nego!

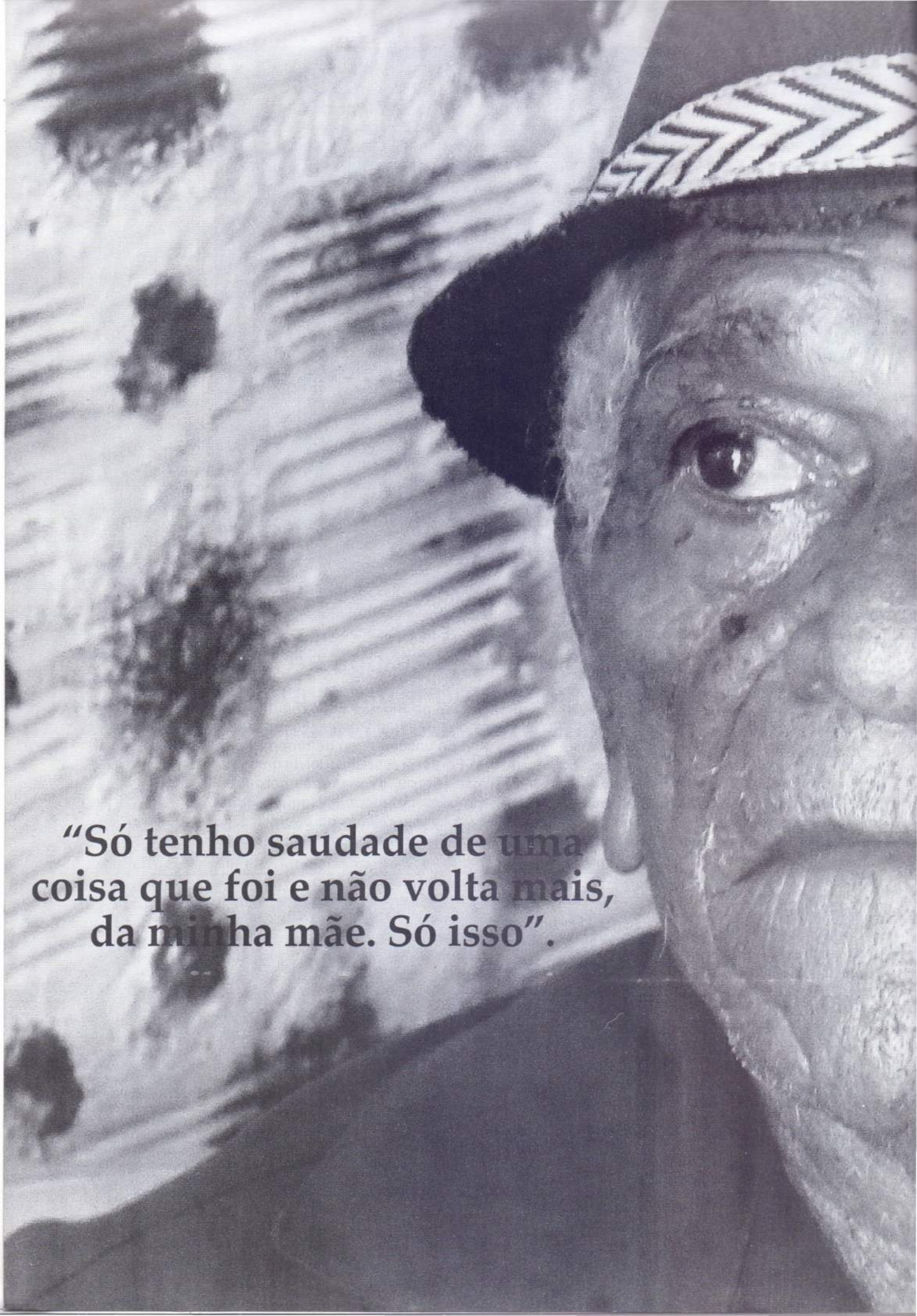
Leticia – E, aproveitando, falando dessa

O modo carinhoso com o qual seu Alves fala de Gerardo, podemos perceber que ele foi uma figura muito especial na vida dele, disse que era seu amigo. “Eu agradeço a Deus, a ele por ter me ensinado a engraxar”.

“Eu era uma pessoa diferente quando era novo que, solteiro, pegava o pandeiro, saía na doida, pra cima e pra baixo cantando e beijava as mulheres (...).”



Alves tem 13 filhos, sete mulheres e seis homens, sendo dez do primeiro casamento e três de um relacionamento com a atual responsável pela oficina de sapato na Avenida Engenheiro Santana Júnior.



“Só tenho saudade de uma coisa que foi e não volta mais, da minha mãe. Só isso”.



Seu Alves frequentou a escola somente na infância e cursou até a quinta série, apenas. O estudo foi "complicado", principalmente em Fortaleza. Ele procurava pessoas na rua para que pudessem ajudá-lo com as lições.

volta a Fortaleza, o senhor disse que foi expulso lá (*da calçada*) do Romcy, e depois? Como o senhor colocou de novo a barracquinha lá?

Alves – Fui expulso, né? Eu botei para aquela outra calçada. Lá onde tem o Sam's club (*supermercado atacadista*). Quando eu botei lá do outro lado, botei lá no chão, escrevi lá: "Eu me mudei", botei a seta assim (*indicando que o novo local era do outro lado da pista*)... Aí pronto, o pessoal passava lá e ia para lá. Quando eu cheguei lá não tinha muro, era só cerca de arame. Depois fizeram o muro e eu botei só o endereço, os preços e o horário que trabalhava.

Letícia – E nesse novo lugar, na barraquinha, o senhor passou por mais dificuldades? Tentaram tirá-lo de lá alguma vez?

Alves – Não, não. Depois que a dona Yolanda mandou fazer aquela barraca ali, foi a mesma coisa de você comprar um terreno, a mesma coisa.

A prefeitura foi lá dizer que ia me tirar e eu não sabia, não sabia que tinha sido a dona Yolanda que tinha mandado fazer, fui lá, me humilhei pra mulher: "Doutora, eu só vivo disso e tal... Já tô no fim da vida. Quando eu morrer, a senhora manda tirar". "Não. Você vai sair, não sei o que, coisa e tal".

Depois, chegou um rapaz lá e disse: "Olhe, a prefeitura ia te tirar daqui?" E eu disse: "Foi". "Pois pode ficar ciente de que eu vi dona Yolanda dizendo lá na mesa, uma hora lá que ela *tava* almoçando, pra um bocado de gente, gente da família dela, e disse que tu só saía daí quando tu morresse". Mas eu não acreditei, né? Porque tem muita gente que chega contando história, pede pra eu engraxar o sapato e eu deixo pra lá, né? Porque ele me elogiou e tudo... O cara contou isso e eu não acreditei não, mas, quando o rapaz veio da casa dela e disse, eu acreditei.

Igor – O senhor tem muito contato com a dona Yolanda? Ela já foi lá na barraquinha?

Alves – Já, ela foi, mas eu não vi não. Ela foi num carro blindado, né? Que ela é baronesa. A *negada* disse que ela foi, mas eu não vi não. Dentro do carro ela me viu todinho, né? Foi quando eu botei uma mensagem pra ela. Eu botei assim, naquele muro, eu fiz um coração do tamanho de um boi, bem grandão. Eu disse: "O coração da dona Yolanda é de ouro". Botei escrito dentro do coração. Que o coração dela é de ouro. Ela fez muita coisa boa pra mim.

Messias – Seu Alves, o que é amizade pra você e quem foi o melhor amigo da sua vida?

Alves – Meu melhor amigo foi o estudante. Foi o melhor amigo que eu encontrei.

Porque vocês, estudantes, vêm aqui na minha casa, são formados, doutores. Chegam, pegam na minha mão. Se você chegar aqui e me der um bocado de dinheiro e coisa e tal, eu fico satisfeito, tudo bem. Mas, como vocês aqui, amanhã ou depois, vocês vão contar minha história. "Ah, nós tivemos na casa do sapateiro". "Rapaz, não acredito não". "Tá aqui, rapaz". "Rapaz, oh casa bacana, né? Não tem riqueza, mas tem alegria. Não é legal, né?". Pois é, essa é minha felicidade...

Messias – (*interrompendo*) Mas não tem nenhuma pessoa em especial?

Alves – Não, não. Especial só minha família mesmo. Especial mesmo só minha família... Eu não posso dizer porque tem muita gente que eu devo favor. Se eu disser, fica chato, né? (*risos*)

Beatriz – Quando a gente conheceu o senhor, a gente percebeu que o senhor realmente é muito tranquilo. Tem alguma coisa que o tire do seu controle, que o deixe com raiva?

Alves – Rapaz, no momento eu não lembro não. Quando vem uma coisa assim que venha me contrariar, eu procuro fazer tudo num jeito de agradar, aí vou passando, né? Pra mim, coisa que me desagrade é muito difícil.

Às vezes, lá no meu trabalho, tinha fre-guês que vinha reclamar, não entendia e tal. De certo, eu explicava a ele. Tem coisa que dá certo e coisa que não dá certo.

Pra mim não tem nenhuma coisa que eu sinta tristeza e alegria todo tempo. Tristeza pode ter, tristeza que a pessoa tem, né? Uma tristeza, uma coisa... Você vai receber um dinheiro, não recebe; um compromisso que a pessoa faz e também não dá certo. Essas tristezas assim acontecem.

Larissa – O seu filho mais novo, o Carlos, herdou a mesma profissão que o senhor, é sapateiro. Mas como foi que começou essa história? O senhor que ensinou, o incentivou a seguir essa profissão?

Alves – Incentivei. Eu incentivei porque ele *tava* trabalhando no sol, ele *tava* mais moreno do que eu e ele é mais claro uma coisinha. A minha filha, a Lucinete, disse: "Pai, o Toin tá trabalhando no sol, tangendo gado, não sei o que..." Eu digo: "Não, se ele quiser vir trabalhar, pode dizer a ele que eu ensino a profissão a ele e ele vai trabalhar por conta dele e é melhor". Ele veio, né? Todo cabreiro... Acho que ele tinha 12 ou era 13 anos, bem novinho ele. Aí ele veio trabalhar.

Trabalhou segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado. Ele levou 30 *paus* lá pra casa da mãe dele. Onde ele trabalhava, por se-

Falar da mãe é o assunto que mais emociona o sapateiro e, por isso mesmo, não gosta de conversar sobre, mas não se nega. "Quando eu vou pra televisão que eles perguntam... Às vezes eu vou dar uma entrevista boa e pronto, perco toda a noção".



Ao ser perguntado sobre com quem poderíamos conversar para saber um pouco mais sobre ele, *seu Alves* foi taxativo na indicação do filho Carlos, do qual tem orgulho por ter seguido também o ofício de sapateiro.

mana, ele recebia 15 cruzeiros, ele recebeu 30, né? Ele vai pra casa da mãe dele, quando chegou pegou de 20 reais a mãe dele ou foi cruzeiro e ficou com dez. (Ela) disse: "Meu fi, vá trabalhar (com seu pai) que é melhor pra você. É na sombra, você tá até mais claro". Incentivou ele e eu incentivei por causa do dinheiro. Ele ficou todo enxerido, né? Com dinheiro. Todos os sábados.

Messias – Como é a sua relação com todos os 13 filhos? O senhor costuma vê-los com frequência? Eles vêm aqui? Você mora com algum?

Alves – Não, é o seguinte: todos os dez da primeira mulher, a Francisca, são tudo legal comigo. Só tem um que é meio assim, meio carrancudo porque ele me pediu um dinheiro emprestado e não pagou, eu fui e disse que se ele não pagasse o dinheiro ele ficava devendo para sempre. Que eu fiz foi emprestar, não foi dado não. Dado é dado, emprestado é emprestado. Quando foi um dia, a mãe dele veio pagar e eu digo: "Não, tá perdoado. Quero não". Deixei pra lá.

Agora esses três filhos que eu tenho com

aquela doidinha que é a chefe lá da *sapataria*, quando eles eram pequenos, eu dizia: "Ó, você traga os meninos pra aprender aqui a profissão, que essa profissão aqui tá sendo extinta, ninguém tem". E ela: "Não, porque ele é muito pequeno, é do juiz não sei o que e blá, blá, blá". Não trouxe o menino. O menino não é assim bem conquistado no meio da família, bem conquistado porque ele é meio mal criado e tal. Já o outro é da igreja, é um santo. É uma pessoa bacana. Agora tem um que é pequeno, ele tem só 12 anos. Esse ainda estamos contando com as aventuras dele. Mas o da Viviane lá, eu dei a oficina pra ela cuidar dos meninos, agora um problema de ajudar nos livros, nas coisas, eu ajudo. Pagar um colégio, comprar uma roupa pro colégio, sabe? Agora a roupa pra eles mesmos, ela compra. Do colégio eu ajudo no que for preciso. Qualquer um deles. Não boto dificuldade não. Pode ser pra qualquer hora que ela pedir.

Beatriz – *Seu Alves*, quando a gente conversou com o Carlos, ele falou que teve um momento "x" em que o senhor quis tirar ele



Em resposta à indicação feita pelo pai, Carlos conversou com a produção sobre o ofício em comum, a relação com o pai e a forma como o enxergera. Assim como *Seu Alves*, Carlos se mostra extremamente solícito e grato à imprensa.

Conversando com a produção, em um primeiro momento, Alves convidou a dupla para conhecer a casa dele (as produtoras tinham marcado na oficina). Ele garantiu que elas nunca iriam encontrar.



No trajeto entre a oficina e a casa, que foi feito de ônibus, seu Alves fez questão de pagar a passagem das produtoras, mas garantiu só a de ida, na volta elas "se viravam".

do que ele fazia, que ele trabalhava com metalúrgica, pra virar sapateiro. Foi quando um amigo do senhor falou que tinha sofrido um acidente trabalhando com isso. Foi desse jeito mesmo? O senhor achou que era melhor ele trabalhar com sapataria?

Alves – É porque a metalúrgica é o seguinte: o soldador pode ganhar mais dinheiro que o sapateiro, tá entendendo? Mas eu tinha um amigo, não sei se ele ainda está vivo, que trabalhava de soldador. Quando foi um dia, ele *tava* trabalhando, quando foi no outro dia ele chegou com o olho todo *coisado*, né? Eu: "O que foi isso?" "Foi a faísca da solda", ficou com o olho perdido. Desde esse dia ele ficou usando óculos. Aí eu vi aquilo, né?

Quando eu vi o Toin soldando e tudo eu digo: "Não Toin, eu vou fazer um negócio com você. O que eu vou lhe ensinar é a minha profissão, pra você deixar essa daí" "Ah, mas soldador é coisa e tal... Engraxate e sapateiro não ganham nada não". Eu digo: "Macho, Toin, mas tem uma vantagem pra você. Você, na minha sapataria, você não tem perigo de se cortar, não tem perigo de perder um olho, não tem perigo de nada. Porque sapateiro só se corta quando ele é aprendiz, mas, depois que ele aprende, ele não se corta de jeito nenhum". Eu mostrei o rapaz, né? Ele foi e disse: "É mesmo pai, você me salvou de uma situação difícil".

Agora se ele acha que de solda era melhor, já perguntei a ele, ele disse que não era não. Tá satisfeito com a profissão.

Larissa – Quando o senhor foi ensiná-lo, o Carlos trabalhava com gado ou em uma metalúrgica?

Alves – Não. Ele trabalhava com gado. Quando me disseram, ele um dia trabalhava na metalúrgica. (*Outro*) Trabalhava com o gado e tangia, quando precisava. Na metalúrgica não era direto não.

Letícia – Outra coisa que o Carlos falou, além de ter falado sobre virar sapateiro por conta do senhor e da boa relação que ele tem com o senhor, teve uma coisa que ele disse que me chamou muito a atenção. Disse que o seu talento era a alegria que o senhor tinha. Queria saber se o senhor concorda, se acha que o senhor é conhecido e todo mundo gosta do senhor exatamente por essa alegria que tem.

Alves – Ééé.. (*ri*) Realmente, a alegria é coisa que nasce da gente. A pessoa triste com a cara feia: "Bom dia". "Bom dia" (*em tom mais grave*). "Bom dia". "Bom dia" (*tom alegre*). "Tudo legal? Tudo, né?" É diferente. Aí, rapaz, essa alegria é coisa de Deus, coisa que a pessoa traz de dentro do coração, do íntimo da pessoa. Tem gente que, às vezes...

Vou contar aqui uma história! Tem rapaz que pode até simpatizar com ela aí (*apontando para a Giulianne*) só pelo sorriso dela, né? Se é com a cara feia: “É, ela é bonitinha, mas a cara dela não me agradou”. A mulher dá um sorriso pro cara, aí o cara: “Ah, rapaz, só o mil!” (*risos*)

Larissa – Algumas das mensagens que o senhor escreve terminam com a frase “bote fé”. O que isso significa pro senhor?

Alves – É fé no que tá acontecendo, né? Se você não tiver fé, você não vai pra frente. A fé é fé em Deus, porque Deus é quem nos protege. Se você vai fazer uma coisa: “Não rapaz, tô com vontade não...” Então não vá não, deixe pra lá. “Rapaz, bora fazer!” “Opa, vou. Bora, bora. Tenho fé que vai dar certo”.

Lucas – Esse é o princípio que norteia a sua vida, a fé?

Alves – É, exatamente. É isso aí. Pelo menos eu acredito que a fé resolve. Rapaz, vamos aqui pra uma comparação. Um rapaz tá me devendo um dinheiro: “Rapaz, tem não...” Eu vou me embora. Ou: “Rapaz, me dê meu dinheiro que eu tô precisando, faça isso não e coisa e tal”. O cara pensa: “Não, eu vou dar ao menos a metade”. Quando for da outra vez ele me dá o resto. (*Caso contrário*) “Rapaz, você não precisa não”, aí pronto. Você perde o dinheiro e ainda perde até a amizade, que o cara que fica devendo, ele fica é com raiva de você.

Lucas – Então é fé com lábia, né?

Alves – É! (*risos*) Ei, bote fé! Vocês vieram aqui, tiveram fé: deu certo. Se vocês não tivessem fé nem teria dado certo.

Lucas – Então eu queria que o senhor falasse um pouquinho dessa lábia na vivência do senhor, quão importante ela foi pro senhor...

Beatriz – ...É. E de momentos nos quais o senhor conseguiu alguma coisa por causa desse jogo de cintura...

Alves – Não, quando eu vou num canto, sempre o pessoal me recebe bem, eu fico satisfeito, eu fico... Não tem coisa de, assim: “Ih, não deu certo”. Se não der certo também, eu me conformo. Porque às vezes, a pessoa (*quando*) não dá certo: “Não, não sei o que, coisa e tal de palavrão”, aí não pode. Tem de (*pensar*): “Não deu certo, infelizmente. Da outra vez vai dar”. É assim. Se você tiver fé, você vence, se você não tiver fé... “Não, vou lá, pegar meu dinheiro” e chegou lá o caba não tem: “Ah, pois vou não sei o que, coisa e tal”. Vai de novo, o caba não tá, aí pronto. Você tendo fé, Deus vê: “Vou botar o cara pra ir”. Manda o cara pra se encontrar com você, sem querer: “Oh, rapaz, eu vim deixar seu dinheiro.



“Naquele tempo tinha preconceito com gente preta e a família branca tratava a gente como escravo, sabe? (...) se botasse boneco apanhava”.

Ah, não se pode deixar de falar que, nesse mesmo ônibus, ele apresentou o trocador, que parecia ser íntimo dele, à *Revista Entrevista*. O trocador folheou os exemplares com tanto gosto que fez a produção pensar se não deveria ter levado mais alguns para dar a ele.

É válido lembrar, também, no percurso até a casa dele, Alves interagiu com várias pessoas ao redor, muitas vezes contando *causos* e até cantando algumas músicas. A produção ficou na dúvida se eram amigos dele ou se a intimidade era instantânea.

Falando em contato entre o seu Alves e a comunidade, é difícil acreditar que ele está no atual endereço há pouco mais de dois anos. Quando ele anda na rua, muita gente troca ideia com ele, fazendo qualquer desavisado achar que ele mora ali desde sempre.

Pronto, tá aqui. *Pêi e bufo*". Não é assim? É a fé, a fé é essa. Fé em Deus. Agora, "tenha fé no seu pai, tenha fé na sua mãe" é outra fé, é diferente. Essa fé em Deus é a superior de todas. Agora, fé em pai e mãe é uma esperança. Deu certo?

Letícia – E o senhor acha que foi essa fé em Deus que o fez conseguir passar por todas as situações que o senhor passou na vida?

Alves – Foi, muita fé em Deus. Às vezes, eu pegava, né? De noite, chegava por ali, me recomendava a Deus, de olho fechado. Você pra ser bem abençoado por Deus, quando for pedir a Deus tem de fechar os olhos e é trancar mesmo chega... (*fecha os olhos com força*) Fazer bem como quem tá com aquela fé ali, você consegue. Sem querer, você consegue. Você: "Vixe Maria, consegui".

Igor – E como foi que o senhor aprendeu a ser sapateiro, o ofício?

Alves – O sapateiro tem de ser engraxate primeiro. É como motorista. Agora não, tem as escolas pra ensinar, mas antigamente motorista tinha de ser primeiro ajudante de caminhão pra poder aprender. E aqui é o seguinte: o sapateiro vai ser ajudante de sapateiro. Não pode ensinar o sapateiro: "Tá, tá, tá, tá", não. Ele tem de ser primeiro ajudante. No mínimo, pra ser sapateiro, três anos de profissão. Três anos pra poder ser profissional.

Aquele dali (*Carlos, o filho*) quando ele chegou lá pra trabalhar comigo parece que ele só tinha uns 15 anos. Eu fui ensinando a ele, explicando, ele estudava e tudo e agora ele é profissional. A *negada* diz que ele é profissional. Eu, pelo menos, quando vejo o serviço dele (*digo*) que ele é um profissional, mas ele também não sabe de tudo ainda não. Sapateiro ainda tem coisa que nós não fazemos.

Igor – Mas ao senhor quem ensinou? Teve uma pessoa que ensinou o senhor?

Alves – Não, teve. Agora, eu aprendi engraxando. De engraxate eu fui pra oficina, passei mais ou menos uns três meses ou quatro. Eu morava muito longe, o homem não quis porque eu chegava muito tarde. Morava longe e eu andava de pés, não tinha dinheiro pra pagar o ônibus, andava de pés.

Eu chegava atrasado, ele foi e dispensou.

Letícia – O senhor gosta de ensinar o seu ofício?

Alves – Tenho prazer. A não sei quantos eu ensinei já. A prova é aquela doidinha, né? Profissional. (*refere-se a Viviane*) Quinze anos numa profissão... Quinze anos é profissional até dentro d'água. Ela é daquelas que se garantem. Aqui, em Fortaleza, de sapateira só tem ela, mais em canto nenhum que eu conheci. Pode ter em outros estados, mas aqui em Fortaleza só ela mesmo. Ouvei dizer que tem uma lá no (*shopping*) Iguatemi, tem uma. Mas ela faz mais é na máquina, nós fazemos é manual.

Larissa – O senhor nos contou na pré-entrevista que estudou só até a quinta série, foi um estudo difícil, que o senhor tinha de pedir ajuda aos outros para poder aprender. Depois de aposentado, já passou pela sua cabeça voltar a estudar?

Alves – Passou, passou, passou, passou. Mas não deu certo pra eu estudar não, agora que nós estamos aqui, eu fiquei com medo, sabe de quê? De eu sair e a *negada* me assaltar. Eu fiquei com medo. Porque no colégio sempre tem aquele negócio, né? Eu digo: "Não, vou não, tá bom, meu estudozinho já dá pra eu passar mesmo". Eu fiquei com medo. Mas eu tinha vontade de ter estudado mais, também ter mais alegria e mais conversa pra explicar pra vocês. (*risos*)

Messias – Seu Alves, a gente falou muito do tempo que o senhor viveu em Fortaleza e nos outros estados do Brasil. Mas como foi a sua infância no interior do Ceará?

Alves – Muita fome, muita miséria, muita necessidade! Andava nu, pedindo esmola. Tu é doido, foi a coisa mais ruim que teve na minha vida, foi o tempo da minha infância. Infância *réa* daquelas de fome, pedindo nas casas: "Uma esmolinha, pelo amor de Deus, pra mãe comer hoje". Aí (*alguém*) aparecia trazendo um prato de rapadura, eu comia logo. Com farinha, com tudo. Morto de fome... Bebia água, ficava com o bucho inchado. A farinha incha a barriga da gente.

Foi uma infância *réa fuleragem*. Por isso que, se eu tiver comendo, e (*alguém pede*): "Ei, paga uma comida aí pra mim", eu pago.

Messias – E o senhor nunca mais voltou pro interior? Nunca mais quis voltar?

Ao final da conversa com as produtoras, Alves – observando as fotos coladas nas paredes da casa, incluindo entrevistas concedidas – revelou que gosta muito de retratos. Eles representam "coisas do passado, trazem lembranças e carregam saudade".

"Rapaz, a marca que eu tenho mesmo é só essa besteira de fazer o bem sem olhar a quem".



Uma coisa que algumas pessoas não sabem, mas podem imaginar pelas fotos, é que *seu Alves* é um colecionador de chapéus. Segundo Alves, a mãe dele dizia que era bom sempre andar de chapéu para o sol não "dar no juízo".

Alves – Não, depois que eu saí de lá... Voltei assim, já com dinheiro e tudo, numa boa, que eu fui lá tomar a bênção de minha mãe, levei um dinheiro pra ela. Mas voltar pra morar eu não quis mais não. Ó, do interior, a fome que eu passei, não quero que ninguém passe. Pra você ter uma ideia, eu ia buscar água, chegava em casa meio dia, com a cabaça d'água, passando sede e tal. Se eu quebrasse a cabaça, eu apanhava quando chegasse em casa. Chegava em casa, o feijão não tinha farinha, quando tinha a farinha, não tinha o feijão. Quando tinha a farinha e o feijão, não tinha o sal.

Ó, pobreza como é, pra vocês terem uma noção: eu morava aqui e a casa da minha vizinha (*era*) na esquina lá, viu? Aí a mãe dizia: "Meu filho, vá lá na dona Fransquinha pedir uma coisinha de fogo. Nós éramos tão pobres que não tínhamos nem uma caixa de fósforo pra acender o fogo. Eu levava o tição. Tição é um pedaço de madeira, chegava, botava no fogo, aí quando pegava fogo eu vinha me embora. Chegava em casa, fazia o fogo – que tinha lenha, esquentava o feijão no fogo. Nós íamos trabalhar, eu, minha mãe e mais duas irmãs que eu tinha. Quando chegava em casa, ia comer, só tinha o feijão, não tinha a farinha. Ia lá na mulher, voltava de novo na mulher. "Vá, meu filho, pedir a dona Francisquinha uma coisinha de farinha pra nós comermos". Andava e levava uma cuia. Cuia é um negócio de cabaça, que nasce no interior, uma planta. A gente parte no meio e faz uma cuia. A mulher botava farinha. Quando chegava lá, a fome era tão grande que umas já tinham comido, não

esperavam nem a farinha. Tristeza e pobreza, vocês nem queiram saber o que é.

A mãe, lá em casa, tinha cinco filhos, se a gente pedisse, era quem comia por último. Tinha de esperar ela botar. O menor ela botava, ia botando pro outro... O mais velho comia por último. Eram minhas irmãs que comiam por último, que eram as mais velhas de *tudim*. Se pedisse: "Bote o meu, mãe", era quem ficava por último. Só quando terminava tudinho é que ela botava. A gente sentava, botava uma esteira no chão. A minha mãe (*fazia como a*) galinha quando tá com os pintos e vem chuva, chama os pintos: "Có, có, có". Pois bem, "có có", ela tá chamando "Chico, José, Pedro, Manel, venham pra cá!" São as palavras que ela diz, *né?* Assim é a mãe da gente.

Ela botava o panelão de feijão e a gente arroteava ela. "Caldinho aí, mãe. Bote", aí ela botava. Uma coisinha de farinha... Pobreza, *né?* Um litro de farinha pra todo mundo. Aí ela mesma botava com a mão: "pá, pá, pá". Terminava "Encheu o bucho?", se dissesse que não tinha enchido: "Amanhã você come mais".

Beatriz – *Seu Alves*, o senhor fala que essa foi uma época muito dura, muito difícil, a época que o senhor passou fome, foi muito pobre... Quais marcas dessa época o senhor traz até hoje? Mesmo sendo uma pessoa tão alegre...

Alves – Rapaz, a marca que eu tenho mesmo é só essa besteira de fazer o bem sem olhar a quem. Eu, pra mim, fico triste porque agora passou tudo e, quando passa, a gente se esquece. Aqui, acolá a gente se

A banquinha que foi de *seu Alves* ainda funciona no mesmo lugar, mas quem toma conta hoje em dia é Viviane, aprendiz dele há algum tempo e mãe de três filhos do sapateiro.

O muro que fica atrás da banquinha, onde as pinturas de *seu Alves* começaram a ficar mais conhecidas, e serviu de tela para ele por tanto tempo, hoje exhibe, como tantos outros muros, alguns anúncios comerciais.

lembra. Que eu não tô mais passando necessidade, moro numa casa minha, só pago água e luz, não pago aluguel. E pra mim é uma felicidade. Porque, quando a pessoa tá naquele sofrimento, entrega todo aquele sofrimento a Deus e fica feliz. É como quem diz: "Vamos dançar! Ê, ê!", né? E acabou-se tudo. É assim. Fica alegre, já passou. "Aquilo já passou e tal", mas muitas vezes a pessoa guarda, né? Eu guardo. Pra contar história. Porque a pessoa que passou fome não é como vocês. Você amanhecer o dia e não ter nada pra comer, no outro dia não tem nada, a mesma coisa. Aí *vixe* Maria, tá ruim!

Agradeço a Deus. Tudo que passou por mim tá perdoado, não tenho nada a dizer demais. Pra contar pra vocês, só coisa boa. Porque ruindade já passou.

Igor – A gente conversou com o Carlos, seu filho, e ele disse que o senhor se dá muito bem com todos os filhos, ajuda, tá sempre presente. E pro senhor, como o senhor quer ser lembrado pelos filhos? O que o senhor quer deixar de importante pra eles?

Alves – *Ih*, rapaz, agora você me pegou! (*risos*) Rapaz, eu não tenho muita coisa pra deixar pros meus filhos não, a única coisa que eu tenho pra deixar é essa casa. Se eu morrer agora mesmo eles são os donos. (*ri*)

Igor – Mas de ensinamento, de coisas que o senhor quer deixar pra eles lem-

brarem...

Messias – Experiência...

Alves – Bem, a experiência minha que eu pude ensinar a eles e às mulheres foram as leituras, porque na época era complicado, né? No colégio era difícil, tinha de comprar o sapato, tinha de comprar a farda, coisa e tal. Eu ensinava. Minhas filhas, todas elas, eu ensinei do A até o final do ABC. Tem uma que um dia desses – eu até me orgulhei – na televisão ela falou que se orgulhava de ter um pai do meu tipo, que não tem muita riqueza, mas o que eu tinha dei pra eles, que foi o saber. Que o saber eu ensinei a eles. Eu fiquei orgulhoso disso, né? Que é a Lucinete, a mais sabida do bando todinho.

Messias – *Seu Alves*, quando veio do interior, o senhor acabou se separando dos irmãos, não é? O senhor queria revê-los? Sente alguma saudade deles?

Alves – Tem uma moça que eu tinha vontade de ver que, quando eu conheci, ela tinha uns sete pra oito anos, ela é a caçula. Eu na minha idade agora, ela deve ter uns 50 e poucos anos. É a Francisquinha, ela mora no Pará. Essa daí, depois que ela sumiu, ela se casou lá, nunca mais vi. Eu tinha vontade de ver essa menina.

Igor – Então o senhor não é o caçula?

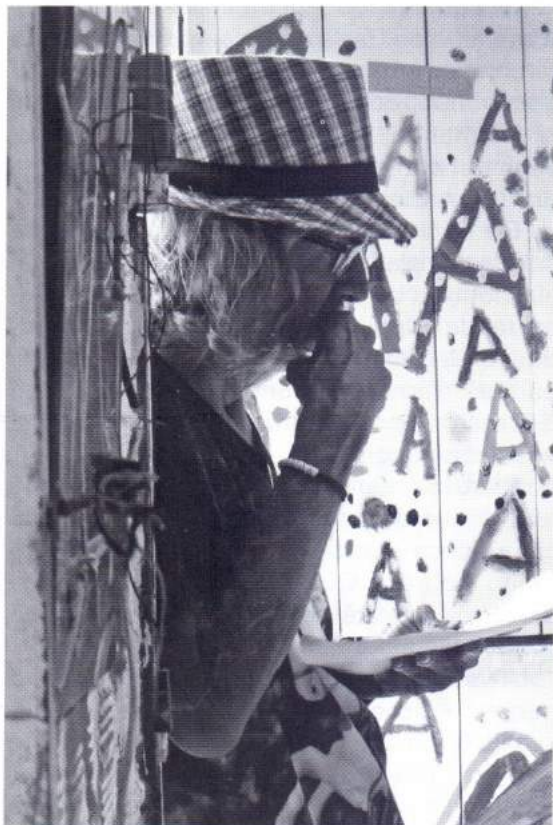
Alves – Eu sou o caçula dos homens, sou filho único. Minha mãe só teve eu de homem e quatro mulheres: cinco filhos. Eu sou orgulhoso de ser o filho único da família e tinha vontade de ver minha amiga. Francisquinha o nome dela. Ela não pega o nosso nome, mas eu sei o nome do pai dela, né? O pai de criação, que ele registrou. Lá e ela ficou pras bandas de lá. A mãe deu porque não tinha nada pra dar de comer pra menina, foi e deu. Foram cinco meninos, tudo pequeno, ela ficou ainda com três mulheres e eu.

Messias – A menina ficou com o pai?

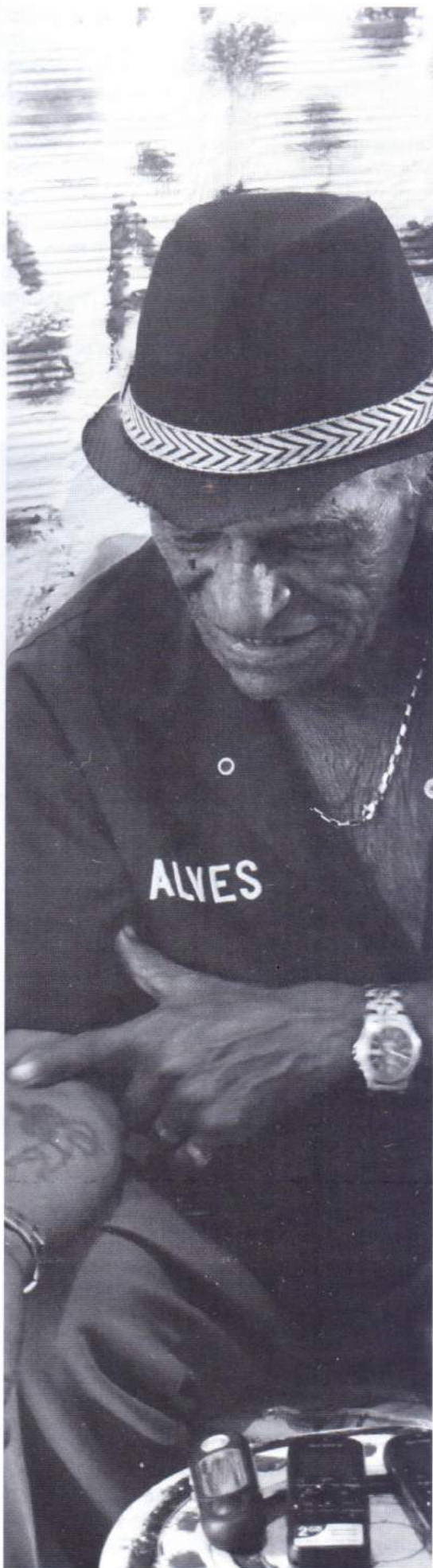
Alves – Não, meu pai morreu (*quando*) eu tinha cinco anos. Ela deu para um senhor lá, rico, esse pessoal rico do interior. Ela deu, o rapaz veio "Não, a senhora não pode criar..." Porque nós íamos pedir leite pra dar a menina, ia pedir uma garrafa. Aí ele foi e pediu: "Dona Maria, me dê uma meninazinha pra eu criar, a senhora não tem condições". A gente ia pedir leite lá, ela foi e deu a meninazinha.

Felipe – As outras irmãs, o senhor chegou a ver depois que saiu de Tauá?

Alves – Encontrei. Só teve uma que eu não encontrei que foi essa que saiu pra trabalhar e depois ninguém mais teve notícia. Porque naquele tempo era muita pobreza. Mulher rica pegava a pessoa e ia embora pra uma cidade qualquer e pronto, ficava



O *seu Alves* também é um colecionador de ofícios diferentes, além das conhecidas funções de sapateiro e pintor, ele foi moço de campo, carpinteiro e fez alguns *mandados*, na época em que estava no interior.



lá. Eu acho que era, sei não, mas acho que minha irmã deve ter sofrido algum preconceito, que naquele tempo tinha preconceito com gente preta e a família branca tratava a gente como escravo, sabe? Fazia as coisas e tal, se botasse boneco apanhava. Era complicado! Eu ainda levei umas duas pias dos patrões, sem ser meu pai, sem ser nada. Foi. Eu fazia as coisas erradas e ele me dava umas porradas e eu *capava o gato*. Ia me buscar e eu dizia pra minha mãe, aí minha mãe: “Não, só quem pode bater no meu filho sou eu. Você não é pai dele nem nada”, aí pronto. Ficava por isso mesmo. Gente rica... Não tinha quem desse... Se a minha mãe fosse falar, o delegado (*dizia*): “Deixe pra lá!”, porque era o homem rico.

Igor – Depois que o senhor teve filhos, o que mudou na sua vida?

Alves – Tranquilidade, mudou. Eu era uma pessoa diferente quando era novo. Solteiro, pegava o pandeiro, saía na doida, pra cima e pra baixo cantando e beijava as mulheres, as mulheres me beijavam, aquele saco de gato, aquela *putaria* toda. Eu enganava as mulheres, dizia que não tinha ninguém, e tinha, e elas me chamavam de mentiroso, *caba véi* sem vergonha. (*rî*)

Beatriz – O senhor pode contar pra gente como conheceu as duas mulheres com as quais o senhor teve filhos?

Alves – Rapaz, esse negócio aí é complicado! Quando eu cheguei do Rio de Janeiro, cheguei todo bacana, empaletozado, todo bonito, roupa de gente rica, sapato de barão, relógio bom, todo bacana, cordão de ouro, chapéu de gente carioca, aí fui pra uma festa. Nesse tempo o nome do clube era Clube dos Ferroviários. Eu novo, na faixa de 28 anos, fui pra festa. Quando chegou lá (*no clube*), eu com o pandeiro, o cara disse assim: “Tu bate isso?” (*pandeiro*) E eu:

“Meu filho, peça saúde, meu filho”.
“Mãe, vou pedir é dinheiro”, mas Deus viu que eu era abestado véi e me deu foi saúde mesmo, não me deu dinheiro”.

Nos momentos da entrevista onde lê-se “risos”, pode-se entender também “muitos, muitos risos”, isso porque *seu Alves* fez graça a entrevista quase inteira. Até das situações mais delicadas que falou, como a fome, ele conseguiu arrancar risadas dos presentes.

As carinhas que *seu Alves* retrata em muitas das pinturas, as quais, segundo ele são às vezes confundidas com “televizõeszinhas”, na verdade, de acordo com o que ele diz, representam os “indiozinhos ganhando o mundo”.

A música é muito presente na vida de *seu* Alves. Tanto nas histórias que conta, quanto no momento em que conta. Muitas vezes, no meio de algum dos *causos*, ele começa a cantarolar e simular o toque do pandeiro (isso quando não está tocando de verdade!).

"Bato". "Canta um sambinha aí pra gente". Naquele tempo chamava de palco aquele negócio que os políticos ficam em cima (*alguns alunos dizem palanque*). É, palanque, palanque. O cara disse: "Sobe aí", eu subi. Eu *tava* pronto, né? Legal...

Letícia – Aí ela te viu...?

Alves – Sim, tenha calma! (*risos*) Eu cheguei lá em cima e entrei no samba. "Vem cá mulata dengosa"... Deixa eu pegar o pandeiro, fica mais bonito. (*Vai buscar o pandeiro no quarto*). Peguei o pandeiro (*começa a tocar*): "Vem cá mulata dengosa, pedaço de mal caminho. Não seja tão orgulhosa, não entristeça o pretinho..." Cantei o samba, né?

Depois, ela veio de novo. Era dia de domingo. "Ei, tu vai tocar em algum canto?" "Não, não. Vou tocar só pra você mesmo". (*risos*) "Só pra mim?" Eu disse: "É". Ela disse: "Ah, o pai tá doidinho pra te conhecer". Eu digo: "*Ixe* Maria, já tô sendo chamado. Ave Maria". Eu digo: "Não, não vou não. Não tô namorando contigo não, mulher, nós *tamo* só amigos". "Não, eu sei que você não tá namorando comigo, é que eu contei pro pai que a gente era amigo, não sei o quê"... Só sei que ela me cercou e eu me casei com ela. (*risos*) Foi, me casei. Dez filhos.

Eu passei muita fome com meus filhos, muita fome. Desemprego...



Quando terminou ela disse: "Ei! Você *tava* cantando aquela música era pra mim?" Não era não, eu *tava* cantando pra todo mundo, eu fui e disse que era. (*risos*) Oh *putaria!* Eu disse que era!

Quando foi no outro dia ela foi comprar lá no botequim que eu tinha. Quando ela saiu, chegou lá na esquina, me olhou de novo, assim pra trás, e piscou. Eu falei pra minha mãe: "Mãe, aquela doidinha tá só piscando o olho pra mim". "Segure, meu filho!" (*risos*) Eu fui e segurei ela, né? Que é a Fransquinha, a primeira mulher, dos dez meninos. Ela ficou por ali, eu também não despachei ela não.

Eu melhorei de vida, depois caí de novo, melhorei, caí de novo, foram duas quedas ou três. Eu botava uma bodega pra ela e os irmãos dela chupavam o mel, né? Chegavam lá, bebiam tudo, acabavam com tudo e o dinheiro? Não tinham dinheiro pra comprar as coisas. Pronto. (*Segundo seu Alves, esse foi o motivo da separação de Fransquinha*).

Larissa – E a Viviane como foi que o senhor a conheceu?

Alves – Ela chegou pedindo emprego e eu disse que não dava certo mulher trabalhar comigo, dava certo era homem, tem de andar pra cima e pra baixo pra entregar sa-

A filha de *seu* Alves chegou à casa deles no meio da entrevista. Tendo ficado, provavelmente, assustada com a quantidade de pessoas, ela entrou rapidamente para a cozinha.

pato, aquele negócio todo. (Ela) "Não, mas eu entrego, faço qualquer coisa". Eu não dei emprego, mas eu paguei um almoço pra ela. Aí como eu fiquei assim... Pensei: "Eu vou ajudar ela". Eu vi que ela era legal, não botava muito boneco e disse: "Ó, vou lhe pagar. Todo dia eu vou dar três cruzeiros pra você"... Sim, ela tinha um meninozinho! Ah, foi por causa disso que eu fiquei com ela, lembrei. Eu fiquei com pena do bichinho. Porque ela disse que *tava* precisando dinheiro pra comprar o leite do menino. Eu digo: "Pois pode vir aqui que eu lhe dou o dinheiro do leite". Ela almoçava, jantava, eu dava o dinheiro do menino e o dinheiro do transporte.

Alves – Tenho contato. Só não muito contato porque eu trabalho. Os meninos moram na Messejana, (*um dos mais populosos bairros de Fortaleza*), eles moravam aqui, mas tiveram de ir pra lá porque aqui não deu certo. Teve um problema na casa, foi preciso ajeitar e ela não quis mais voltar, foi morar na Messejana. Mas ela reclama é muito de mim, que eu não dou atenção, ora se eu trabalho... Trabalho pra cima e pra baixo andando na cidade. Eles que, se quiserem, têm de me levar na casa deles. E aqui na minha casa, quando eu trago é só: "A bênção?" "Deus abençoe!", pronto. Não tem conversa nenhuma. A pessoa não foi criada com a outra, né? Aí fica

Durante a entrevista, a porta da sala da casa, onde conversamos, estava aberta e permitia que curiosos espreitassem a movimentação de uma entrevista feita com nove entrevistadores, além do fotógrafo e do professor Ronaldo Salgado.



Ela ficou ouvindo, foi aprendendo a fazer as coisas, foi trabalhando comigo. Eu vi que ela não me soltava, *né*? Vi que o jeito que tinha era marcar um ordenado pra ela. Ela já engraxava, deixava os calçados e tudo... Como ela foi legal, me conquistou e eu dei um emprego pra ela. Eu dava três cruzeiros pra ela, com o tempo foi aumentando, aumentando... Depois ela começou a ir pro forró comigo, e é que eu gostava de uma mulher loira, ela era morena, *né*? Ela (*Viviane*) é bacana comigo, tem três filhos meus, mas não são registrados.

Beatriz – O senhor tem contato com eles?

todo estranho. Ela diz que eu sou pai sem futuro. (*risos*)

Camila – Hoje, o senhor com 85 anos e já tendo superado algumas adversidades na vida como a fome e a pobreza... Quais são seus sonhos?

Alves – Meus sonhos? Sabe que, quando a pessoa passa por essas coisas, quando ela sai dali, é mesmo assim que a pessoa estar numa sala, calor como um todo e sai fora naquele ventinho. Eu me sinto feliz. Eu me sinto feliz porque tenho tudo na minha casa, não falta nada. Quer dizer, coisa de pobre, *né*? Tenho geladeira, televisão, tenho tudo, não

Antes da entrevista, alguns entrevistadores estavam bastante reflexivos sobre como se daria o processo. Foi a primeira entrevista, feita nesses moldes, de todos os participantes desta edição da *Revista Entrevista*.

Uma das especulações feitas pelos entrevistadores antes da entrevista era sobre como se daria uma entrevista na qual tanta gente iria perguntar, tendo como objetivo de um único produto final.

falta nada. Falta alguma coisa. Mas coisa que a gente pode superar, não vai morrer por causa disso. É como a saúde. A coisa melhor do mundo é saúde. Às vezes, a minha mãe dizia: "Meu filho, peça saúde". "Mãe, vou pedir é dinheiro", mas Deus viu que eu era *abestado véi* e me deu foi saúde mesmo, não me deu dinheiro. (*risos*) Mas eu tenho saúde e tenho história pra contar.

Larissa – *Seu Alves*, a gente já está no *finzinho* da nossa entrevista. O senhor está preparado para a última pergunta?

Alves – Pode perguntar, se tiver do meu alcance eu respondo na hora. *Pêi bufo*.

Beatriz – Em tudo que o senhor se envolveu na vida inteira – pelo Ceará, pelo Rio de Janeiro, pela Bahia – o senhor sempre destaca que levava alegria pras pessoas e as pessoas sempre gostaram muito de tudo que o senhor fez, tanto de serviço, como da sua companhia. A quê o senhor atribui todo esse sucesso?

Alves – Rapaz, é complicado, *né?* Às vezes, as pessoas me perguntam assim e eu não sei nem responder, porque eu encontrei muita gente boa, que eu fiquei devendo muito favor.

Amanhã ou depois, essa palavra que eu

vou dizer serve pra todos vocês. Eu peço a Deus pra fazer vocês todos felizes a partir de hoje e vocês disserem que aquela palavra que *seu Alves* falou foi recebida e foi atendida por Deus. Essa é a palavra que eu tenho pra dizer. E eu acho que, amanhã ou depois, alguém de vocês vai pensar nisso. Porque é a pessoa dizendo a palavra saindo de dentro do coração, Deus ouve, Deus bota escrito. E o pobre, quando pede, pede de olho fechado e Deus vê que ele *tá* pedindo. A felicidade vem de cima. Não é daqui da Terra não.

O pensamento da gente tem vários, mas tem um que fica firme, que a pessoa fica com vontade de fazer. Como eu, tive a vontade de ser sapateiro, fui em frente e, hoje em dia, ensinei várias pessoas e todas as pessoas que eu ensinei sempre falam no meu nome onde estão. Mas também eu fui apoiado por alguns sapateiros. O primeiro que me ensinou tinha 13 anos e eu tinha dez (*refere-se a Gerardo Engraxate, como era conhecido*). Ele me ensinou a engraxar, (*a ser*) sapateiro ele não me ensinou não, só a engraxar. Mas faz parte do sapateiro.

"A pessoa dizendo a palavra saindo de dentro do coração, Deus ouve, Deus bota escrito. E o pobre quando pede, ele pede de olho fechado (...)"



O resultado das várias vozes questionadoras em direção a *seu Alves* foi bem tranquilo. Os colegas se mostraram bastante cordiais e, dentre todas as intervenções que ocorreram durante a entrevista, só três trouxeram várias vozes ao mesmo tempo.